

Descolonizar a universidade por meio da Investigaçāo Ação Participativa (IAP): alguns caminhos possíveis pela educação sentipensante

Decolonize the university through Participatory Action Research (PAR): some possible paths for feeling-thinking education

Marcia Regina Ferreira ¹

Daniel Gustavo Fleig ²

Resumo

Este artigo explora a relevância da Investigaçāo Ação Participativa (IAP) em atividades de extensão universitária, a partir do pensamento sentipensante de Orlando Fals Borda. O estudo baseia-se nas práticas do Laboratório Interdisciplinar e Intercultural de Inovações Sociais (Liiis) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A pesquisa aborda três questões principais: a) a necessidade de repensar ou reformar o pensamento que separa mente, corpo e ambiente na educação universitária brasileira; b) conhecer os aprendizados acerca da construção coletiva do conhecimento por meio da IAP; e c) o potencial da IAP como ferramenta de descolonização na universidade a partir das experiências da extensão. Os resultados demonstram que a aplicação da IAP, em diálogo com povos originários, comunidades tradicionais, estudantes e professores, promoveu uma extensão universitária transformadora, territorializada e comprometida com a vida por meio do diálogo de saberes. Conclui-se que a IAP é uma metodologia pertinente para potencializar o conhecimento coletivo e um caminho viável para descolonizar a universidade brasileira.

Palavras-chave: pluralismo epistêmico; sentipensar; conhecimento coletivo.

Abstract

This article explores the relevance of Participatory Action Research (PAR) in university extension activities, based on Orlando Fals Borda's feeling-thinking approach. The study is based on the practices of the Interdisciplinary and Intercultural Laboratory of Social Innovations (Liiis) at the Federal University of Paraná (UFPR). The research addresses three main issues: a) the need to rethink or reform the thinking that separates mind, body and environment in Brazilian university education; b) learning about the collective construction of knowledge through PAR; and c) the potential of PAR as a tool for decolonization in the university based on extension experiences. The results show that

¹ Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação Profissional e Tecnológica. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: marciaregina@ufpr.br

² Universidade Federal do Paraná. Setor Litoral. Matinhos, PR, Brasil. E-mail: fleig@ufpr.br

the application of PAR, in dialogue with indigenous peoples, traditional communities, students, and teachers, promoted a transformative, territorialized university extension committed to life through the dialogue of knowledge. It is concluded that PAR is a pertinent methodology for enhancing collective knowledge and a viable path for decolonize Brazilian university.

Keywords: epistemic pluralism; feeling-thinking; collective knowledge.

Introdução

O presente trabalho busca apresentar as possibilidades dos diálogos de saberes e conhecimentos por meio das aprendizagens coletivas da realidade territorial, assim como, abordar a relevância da Investigação Ação Participativa (IAP) nas atividades de extensão universitária decolonial, como método vivencial e sentipensante. A universidade contemporânea enfrenta o desafio de transcender o modelo tradicional de ensino e pesquisa, buscando uma atuação que promova a transformação social. Nesse contexto, a extensão universitária emerge como um eixo estratégico, exigindo a adoção de metodologias capazes de estabelecer um diálogo, entre o conhecimento acadêmico e seus saberes-fazeres, e as comunidades e seus saberes-fazeres. Este trabalho, portanto, adota a IAP como uma abordagem metodológica decolonial e vivencial, que se alinha ao propósito da construção do conhecimento coletivo territorializado.

A pedagogia decolonial, segundo Mota Neto (2016) utiliza reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda, para o autor, a sociologia sentipensante é construída solidariamente a partir do saber-ação. Segundo Gomez (2021) sentipensar, uni o que a modernidade capitalista separou mente e corpo, razão e emoção, secular e sagrado, humanos e natureza, significa agir com o coração usando a cabeça, na IAP os sujeitos, individuais ou coletivos, se tornam coprodutores de conhecimento. Esta abordagem considera as marcas particulares da violência da colonialidade, por meio da exploração de classe, de raça, do patriarcado, e tantas outras formas de dominação, e exclusão deste contínuo colonial e vê na comunidade sua potência. No Brasil, a IAP corresponde a pesquisa ação participativa (PAP) e seus aspectos teóricos nascem da pesquisa participante, tema discutido desde os anos de 1970 na América Latina (Fals Borda, 1982).

Partindo do legado de Orlando Fals Borda e seu conceito de sujeito sentipensante (Fals Borda, 2009), que integra a razão e a emoção na produção do conhecimento territorializado, este estudo teórico-prático adota a IAP como uma prática intercultural no âmbito universitário brasileiro. A pesquisa é ancorada nas experiências do Laboratório Interdisciplinar e Intercultural de Inovações Sociais (Liiis) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Na busca por novos paradigmas de ação universitária, este artigo aborda três questões principais: a) a necessidade de repensar ou reformar o pensamento que separa mente, corpo e ambiente na educação universitária brasileira; b) conhecer os aprendizados acerca da construção coletiva do conhecimento por meio da IAP; e c) o potencial da IAP como ferramenta de descolonização na universidade a partir das experiências da extensão.

Para tanto, busca-se como objetivo analisar a relevância da IAP, suas contribuições e sua indissociabilidade no ensino e na pesquisa. Compreendendo-a como metodologia capaz de potencializar o diálogo de saberes e promover uma extensão universitária comprometida com a vida e a realidade social dos territórios. Argumenta-se que a aplicação da IAP, em parceria com povos originários, comunidades tradicionais, estudantes e professores, é uma via para repensar a construção do conhecimento coletivo e fortalecer a função social da universidade.

Contexto da universidade brasileira e elementos da Investigação Ação Participativa a partir da educação sentipensante

A creditação da extensão no contexto brasileiro decorre, entre outros marcos, do Plano Nacional de Educação (PNE), cujas diretrizes contribuíram para avançar ensino, pesquisa e extensão universitária e para consolidar um modo emancipatório e decolonial de construção do conhecimento. Nas últimas décadas, verificam-se debates na academia sobre a extensão realizada de forma participativa e dialógica (Ferreira; Silva; Zanatta, 2012) e sobre a construção de conhecimento por meio de uma abordagem decolonial (Ferreira, 2019; Ferreira; Blaszcyk, 2020; Ferreira; Fleig, 2024), bem como a importância da política social do conhecimento (Ferreira; Silvério, 2021), a ressignificação dos saberes-fazeres pedagógicos (Candau, 2020) e o rompimento da visão antropocêntrica.

Paralelamente, leis recentes ampliaram a diversidade cultural no ambiente acadêmico, aproximando questões étnico-raciais do debate público e da implementação de ações afirmativas, como cotas e a Lei 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Indígena e Afro-brasileira nas escolas brasileiras. A obra de Candau (2009; 2020) sobre didática, metodologia e educação intercultural na América Latina oferece fundamentos para avançarmos rumo à superação do preconceito, discriminação, racismo e do mito da democracia racial. A diversidade cultural emerge, nesse quadro, como tema central das discussões sobre fracasso educativo e da necessidade da sociabilidade solidária, entrelaçando democracia, justiça social, pluralismo epistêmico e dialogicidade no tecido social dos territórios.

Essas mudanças estruturais exigem repensar o pensamento, enfatizar a interculturalidade e a política social do conhecimento na universidade. O novo contexto institucional impõe um diálogo constante entre campos distintos do saber e requer reconhecer a multidimensionalidade humana e as complexidades interdisciplinares, conforme Ferreira e Silvério (2021). Para os autores, as práticas interdisciplinares buscam romper a distância entre as ciências naturais e sociais, promovem também uma melhor compreensão acerca do global e do local, das relações mútuas entre os saberes locais e saberes acadêmicos, gerando na universidade um sujeito capaz de organizar conhecimento. Este conhecimento reconhece a importância do lugar com sua cultura e territorialidade, mas este é ao mesmo tempo atravessado pelos processos de globalização e modernidade.

Para Souza-Lima (2021, p. 26), o sujeito capaz de construir conhecimento é o “ser sentipensante, que integra corpo-mente e ambiente”. Essa compreensão rompe dualismos como corpo-mente e indivíduo-sociedade, e vai ao encontro de uma sociologia sentipensante que combina razão e o amor, o corpo e o coração (Moncayo, 2009). Rufino (2021) destaca que a educação não é reformadora ou conformadora, na verdade ela é uma força errante, pois busca o seu fazer como prática da liberdade (Freire, 2003). Para Rufino (2021, p. 11-12) a educação é viva, “como experiência corporificada do ser e de suas práticas de saber é comum a todos. Ela nos marca como seres únicos, de vivências intransferíveis, imensuráveis”. Sendo a educação uma esfera de autoconhecimento, liberdade, esperança e cura também.

A partir dessa concepção, a educação sentipensante emerge como prática universitária que reconhece o saber como produção de conhecimento situado, sentido, incorporando saberes locais e experiências de campo nos currículos, para efetivar a democracia cognitiva (Ferreira; Silvério, 2021). Para a educação sentipensante será necessário desenvolver uma inteligência que articule saberes científicos, humanísticos e locais, superando a fragmentação curricular, o currículo engessado, com avaliações descontextualizadas, instrumentais que muitas vezes são consequência da educação colonizadora.

A urgência de uma ecologia de aprendizagem que seja sentipensante, envolve a prática da pedagogia decolonial, a qual é consubstanciada pelas reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda (Mota Neto, 2016). Para Walsh (2009, p. 25) essa pedagogia decolonial por trazer “novos marcos epistemológicos que pluralizam, problematizam e desafiam a noção de um pensamento e conhecimento totalitários, únicos e universais”, oportuniza novos processos, práticas, ações de revalorização dos saberes ancestrais e de seus territórios. Para a autora na pedagogia decolonial, a interculturalidade crítica e a decolonialidade se entrecruzam pedagogicamente. Pois a interculturalidade crítica busca a (des)colonização e o reconhecimento das estruturas e condições sociais que fazem esta (des)humanização. Portanto, envolvem o reconhecimento do problema estrutural-colonial-racial e implica na busca de transformações das estruturas, instituições, relações sociais e da importância das discussões políticas colocadas em cena pelos movimentos sociais.

Dentro deste contexto da universidade como ambiente de construção de ciência e ação contextualizada, Morin (2007, p. 20) argumenta que o saber é um conceito mais amplo que a episteme, quando se analisa saber, ciência e ação. Segundo o autor a “ação é um dos objetos de nossa reflexão sobre ciência e o saber, já que nós nos interessamos pela pesquisa participativa no desenvolvimento conceitual da ciência”. Neste sentido, amplia-se o debate ao sustentar que saber envolve ciência, ação e prática; a ação é objeto de reflexão sobre ciência e saber, enfatizando a relação entre saber teórico, prático e experiencial dos sujeitos. Nesse quadro, IAP encontra-se como metodologia que entrelaça teoria, práxis e sentipensar, promovendo uma epistemologia de transformação social, pois se compromete com a justiça cognitiva, justiça social e o pluralismo epistêmico.

Elementos da Investigação-Ação Participativa na educação sentipensante

A promoção da inter-relação dos saberes é basilar nos processos da IAP, como relata Fals Borda (1982) acerca dos aspectos teóricos da pesquisa participante e seus elementos essenciais. O autor defende a necessidade de uma ciência popular, uma ciência emergente que gere conhecimentos importantes e necessários, com e para as comunidades. Uma ciência que politicize e polinize esses saberes, por meio de diálogos horizontais e não hierarquizados, articulando teoria e práxis.

A IAP conforme Fals Borda defende uma ciência popular que gere conhecimento relevante para as comunidades, envolvendo: (a) compromisso e autenticidade na construção do conhecimento; (b) pluralismo epistêmico; (c) tradução popular e polinização de saberes; (d) feedback aos intelectuais orgânicos; (e) equilíbrio entre ação e reflexão; (f) ciência modesta e técnicas dialógicas; (g) ciência comprometida com justiça social. A IAP favorece uma relação horizontal e vivencial entre envolvidos, combinando análises qualitativas e, investigações coletivas e individuais, contrapondo a razão instrumental cartesiana (Fals Borda, 1982). A concepção de sujeitos sentipensantes emerge como produção conjunta do sentir-pensar dos sujeitos, a partir da experiência e das atividades cotidianas no território, da linguagem, do coração e mente, superando a razão instrumental.

Colmenares (2012) destaca quatro características distintivas da IAP: (i) cíclica e recursiva; (ii) participativa; (iii) qualitativa, enfatizando linguagem e contextos; (iv) reflexiva, com a crítica contínua a cada ciclo de ação e construção do conhecimento. Ao articular teoria e práxis, a IAP favorece relações horizontais entre pesquisadores e pesquisados, educadores e educandos, extensionistas e comunidades, reconhecendo todos como sujeitos sentipensantes. A partir dessa perspectiva, a prática educativa torna-se espaço de transformação social e de construção de conhecimento situado.

Em seu cerne, a IAP busca promover uma epistemologia e uma metodologia de construção do conhecimento que conectem saberes científicos e saberes populares, sem abrir mão do rigor científico, priorizando a coletivização do saber e a responsabilização social. Para Fals Borda e Brandão (1987) a IAP busca uma abordagem epistemológica e metodológica por meio da pesquisa participativa ou ciência popular. Nesse sentido, a IAP enquanto campo de construção de conhecimento visa a descolonização no ambiente

acadêmico, ao permitir que a pesquisa seja produzida a partir das necessidades e perspectivas de comunidades locais. Enquanto metodologia de investigação participativa a IAP é transformadora e situada, sistêmica e comprometida com a realidade local, tornando-se adequada e necessária para o cenário atual.

Dentro deste contexto, os elementos da IAP confluem com as discussões, do seu precursor Fals Borda, da educação emancipatória e dialógica de Paulo Freire (2003), do saber e da ciência em ação em Morin (2007) e do pluralismo epistêmico em Souza-Lima (2021). Esta confluência dos pensamentos dos autores mostra-nos que, na integração entre corpo, mente e ambiente, há uma existência que rompe um dos mais recentes dogmas das ciências modernas, os dualismos: corpo-mente e indivíduo-sociedade.

A dimensão intercultural crítica e a sociologia sentipensante, associadas à IAP, reforçam que o conhecimento emerge da interpelação entre experiências vividas e saberes formais, valorizando a empatia, o diálogo intercultural e a cooperação entre diferentes formas de saber. A interculturalidade crítica, conforme Walsh (2009), Ferreira e Pagliaro (2023) e Ferreira e Fleig (2024), é crucial para a descolonização, exigindo transformações estruturais nas instituições e nas práticas pedagógicas, para que a universidade possa dialogar com territórios diversos. Na prática da educação sentipensante, a IAP se articula com a ideia de que o conhecimento é produção situada, mediada pela experiência, pelo corpo e pelo ambiente. Colmenares (2012) aponta que a IAP oferece aos saberes territoriais espaços para refletir sobre processos, ações e estratégias, formulando conjuntamente propostas viáveis que promovam soluções emancipatórias nos seus contextos.

Por fim, todos esses elementos também contribuem na construção do conhecimento coletivo por meio da IAP na educação sentipensante, os quais serão discutidos por meio das práticas das atividades de extensão universitária, de creditação de extensão e de pesquisa em grupos temáticos (como Sustentabilidade superforte e Políticas Públicas) no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Fundamentadas na práxis decolonial, as atividades realizadas do Liiis da UFPR, por meio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, visam promover uma cultura institucional que dialoga com comunidades e territórios, em consonância com a IAP e a educação sentipensante como veremos a seguir.

Investigação Ação Participativa no urbano-rural na universidade pelo Liiis: objetivos, metodologia, conhecimentos e aprendizagens coletivas.

O Liiis é um projeto de extensão do Curso de Gestão Pública do Setor de Educação Profissional e Tecnológica (SEPT) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A UFPR tem avançado acerca da valorização de uma educação para o desenvolvimento territorial e de uma educação mais inclusiva. Em 2020 assinou dois importantes compromissos, visando incentivar políticas de responsabilidade social e de sustentabilidade, comprometidas com a Educação em Direitos Humanos e Cidadania Inclusiva.

Dentro deste contexto, nasce em 2023 o Liiis, que tem como objetivo realizar processos de mútua aprendizagem, baseados em inovações sociais para a sustentabilidade a partir da educação intercultural. Como objetivos específicos busca: a) Criar espaços de aprendizagem mútua a partir das vivências interdisciplinares dos indivíduos envolvidos nas ações extensionistas, por meio da pesquisa-ação em inovações sociais para a sustentabilidade; b) Produzir coletivamente oficinas e outras formas de interação intercultural para produção e discussão de resultados/produtos; c) Estabelecer uma agenda de debates que permitam produzir uma compreensão acerca da gestão e inovação social por meio de relações socioafetivas, como condição da aprendizagem significativa para gerar alternativas ao desenvolvimento; d) Promover a dialogicidade entre universidade e comunidade a partir da concepção crítica de sustentabilidade e da interculturalidade a fim de subsidiar políticas públicas locais.

O Liiis é composto por professores/as, estudantes de diversas áreas e do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas da UFPR, juntamente com coletivos agroecológicos de comunidades tradicionais, indígenas, rurais e urbanas. Como pressupostos epistemológicos na atuação do Liiis, consideramos a interculturalidade crítica, a agroecologia, a inovação social e a sustentabilidade superforte e, como pressuposto metodológico, a extensão universitária decolonial pela prática da IAP. Na busca de conhecer os saberes-fazeres na construção do conhecimento coletivo territorializado, o Liiis, adotou a pedagogia decolonial que envolve a interculturalidade crítica, inicialmente conhecendo o problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença nas comunidades. No Paraná, há muita desigualdade social e as comunidades sofrem com a diferença colonial que impacta na visibilização cultural destes, embora seja sabido da

riqueza cultural existente. Com essa prática política da IAP, o Liiis com as comunidades tem denunciado a desumanização, a subalternização ontológica e epistêmico-cognitiva dos grupos e sujeitos racializados, como os indígenas, faxinalenses e quilombolas.

A Agroecologia é destacada nas ações do Liiis, pelas partilhas de conhecimentos e aprendizagens coletivas, que ocorreram por meio das interações com a parceria da Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI) - Fundação Vida para Todos, nas atividades de extensão, ensino e pesquisa no período de 2023 e 2024. Assim concebeu-se a agroecologia como um importante campo de conhecimento interdisciplinar e transdisciplinar. Sendo reconhecida como uma ferramenta para a reivindicação e a defesa dos territórios (agrobiodiversidade), os direitos da natureza e os modos de existir, evidenciando seus saberes-fazeres agroecológicos por meio das organizações das Festas Feiras das Sementes no Paraná (Figura 1). A ABAI, sediada em Mandirituba-Paraná, em seus 45 anos construiu ações integrando diversas comunidades rurais, tradicionais, originárias e de agricultores familiares agroecológicos. Atua no desenvolvimento territorial por meio da agroecologia, pautada na abordagem da sustentabilidade superforte, que rompe a visão antropocêntrica. Esta parceria promoveu atividades permanentes de extensão, ensino e pesquisa, envolvendo diálogos e aprendizagens mútuas entre comunidades e comunidade acadêmica.

Figura 1 – Mapa das Festas Feira das Sementes Crioulas no Paraná



Fonte: Rede Sementes da Agroecologia, 2023.

Essas vivências na composição dessas participações e saberes, fazem brotar novas experiências, tanto dos estudantes e professores, como das comunidades envolvidas, têm significados e mudam a percepção de mundo dos estudantes acerca da realidade vivida, concebendo novas intersubjetividades. Desta forma, considera-se que em cada projeto de IAP, os meios e enfoques pedagógicos utilizados, envolvem os educandos como seres sentipensantes, e atuantes nos processos de aprendizagem. É uma educação com enfoque socioafetivo, pela qual o processo de ensino, extensão e pesquisa, desenvolve uma aprendizagem baseada em situações e experiências vivenciais. O Liiis como projeto de extensão vinculado ao ensino e a pesquisa de forma interdisciplinar, utiliza a IAP como pedagogia de ação e de compromisso, onde este método gera humanização e transformação social dos e nos territórios.

No Liiis essas compreensões acerca da interculturalidade foram aprofundadas nas atividades desenvolvidas nas preparações e encontros das Festas Feiras das Sementes Crioulas (Figura 1), organizadas nos territórios pela Rede Sementes da Agroecologia (ReSA), a qual a ABAI e o Liiis fazem parte. Realizou-se atividades participativas nas seguintes comunidades: na Tekoa Guaviraty (Pontal do Sul) agosto de 2023; no Quilombo da Restinga (Lapa) em setembro de 2023; e nas preparações do Encontro de 7 e 8 de outubro de 2023 na Festa das sementes e dos guardiões e guardiãs da biodiversidade (Mandirituba).

Neste último encontro, ocorreu a escuta dos povos originários (Kaigang, Guarani Mbya, Guarani Nhandewa e Xeta) e comunidades tradicionais (quilombolas, caiçaras e faxinalenses) na ABAI. As comunidades participantes foram: quilombolas de Restinga (Lapa); Família Xavier (Arapoti); Comunidade Barra do Turvo; Comunidade de 7 Barras; Comunidade Porto Velho (Adrianópolis) e Comunidade Paiol de Telha (Reserva do Iguaçu), as quais realizaram uma interação com os povos originários, sendo eles: Território Sagrado Indígena -Retomada e Tekoa Araçai (Piraquara); Tekoa Guaviraty (Pontal do Paraná); Tekoa Kakané - Porã (aldeia no contexto urbano de Curitiba); Aldeia de Manoel Ribas; Tekoa Yvy Porã (Posto Velho); Comunidade Pinhalzinho e Comunidade Laranjinha (Santa Amélia). Neste encontro intercultural, dialogaram acerca de seus saberes, inovações e seus desafios, e formas de intervir na reinvenção da sociedade. Nesta atividade extensionista, o Liiis participou com os estudantes e

pesquisadores, tanto na organização, como atuando nas rodas de conversa e na realização das relatorias. Os estudantes envolvidos, realizaram a revisão dos textos junto às lideranças de cada comunidade e posteriormente foi formalizado uma comissão entre lideranças e equipe de Liiis, para entrega destes documentos no Ministério Público e Assembleia Legislativa do Paraná.

No período de 2023 a 2024, ocorreram tanto as vivências territoriais nas Festas Feiras de Sementes crioulas, como nos diálogos de saberes por meio da participação de membros das comunidades tradicionais e dos povos originários na UFPR, construindo uma inter-relação de saberes locais e acadêmicos. Sendo estas: a) roda de conversa sobre saberes afro-brasileiros; b) seminário sobre tributação justa e reparação histórica a população afro-brasileira; c) diálogo sobre literatura indígena com autor nativo; d) feira étnica com indígenas, quilombolas e agricultores familiares em evento científico na universidade; e) palestras de intelectuais indígenas e quilombolas; f) evento com gestora social quilombola sobre a elaboração de Projetos sociais.

Quando a atividade de extensão está comprometida com a educação superior decolonial, ela se apresenta com uma visão biocêntrica que vai ao encontro das comunidades que têm a centralidade da vida e do cuidado com a Terra. Os encontros entre povos originários e comunidades tradicionais no espaço das Festas Feiras de Sementes, oportunizaram uma vivência intercultural não só para os estudantes, mas também entre as comunidades. Como os processos de construção destes eventos são coletivos, participativos e a partir dos territórios, as vivências de trocas de sementes e experiências nas Festas Feiras, mostraram também no exercício de 2024, uma crescente solidariedade, maior adesão, pertencimento e construção de conhecimento coletivo. A IAP como prática se destina a conhecer ou encontrar soluções junto com os sujeitos territoriais envolvidos promovendo experiências participativas e ecológicas.

A partir das atividades de extensão participativa desenvolvidas, reconhecemos a importância dos territórios e dos saberes-fazeres das comunidades originárias, comunidades tradicionais e agricultores familiares no Paraná. Nestas vivências, a pedagogia decolonial e a IAP proporcionaram uma prática universitária coerente e comprometida com a vida. Para tanto, elaboramos os elementos que contemplam a realidade desses territórios, a diversidade cultural destes saberes-fazeres das comunidades

(Figura 2). São fazeres-saberes pedagógicos que dialogam com diversos conhecimentos, promovendo insurgências e políticas dos coletivos, que poderão abrir caminhos para a justiça cognitiva, afetiva, relacional e social, na inter-relação dos saberes.

Figura 2 - Descolonizar a universidade por meio da Investigação Ação Participativa



Fonte: Elaboração dos autores

A prática desta pedagogia comprometida com a vida, está comprometida com a justiça cognitiva que gera justiça social. Onde a universidade descolonizada busca o desenvolvimento de uma ciência para a sociedade (Estado, mercado e comunidade) que possa ter diálogo, participação, interculturalidade, democracia e solidariedade. São esses valores que o Liiis, desenvolve em suas atividades, mostrando uma nova construção de conhecimento, pois a base de ação é pautada numa ciência contextualizada territorialmente.

As práticas extensionistas do Liiis, tanto as relacionadas com os estudantes extensionistas, como de estudantes de creditação de extensão, pautaram-se na nova relação sujeito-sujeito, por meio de uma vivência relacional, a qual oportunizou uma aproximação da realidade vivida das comunidades, desenvolvendo um processo de interiorização na vida cotidiana, dos valores comunitários e de solidariedade que estes representam.

Para uma melhor compreensão das práticas extensionistas do Liiis, relata-se os aprendizados acerca dos conhecimentos coletivos dos atores territoriais, por meio de quatro dimensões de envolvimento nas atividades: a) estudantes extensionistas; b) estudantes com atividade de creditação de extensão (ACE II); c) professores pesquisadores; d) lideranças das comunidades parceiras do Liiis/UFPR.

Os sete estudantes extensionistas do Liiis que participaram das atividades nas Festas Feiras das Sementes do Paraná (2023/2024), como método vivencial, relacional e de coprodução de ações, apresentaram os seguintes aprendizados neste processo de investigação:

- a) perceberam a importância da leitura crítica do mundo, a necessidade de uma postura ético-política contextualizada. Estas atividades de vivência intercultural, proporcionaram uma nova percepção da realidade local e um compromisso pela compreensão da existência de outros modos de vida;
- b) compreenderam a distância dos conhecimentos abordados na universidade para a realidade vivida das comunidades. Passaram a questionar o colonialismo intelectual na universidade e verificaram a necessidade de uma nova linguagem a que respeite e inclua a diversidade cultural dos territórios.
- c) observaram que precisavam de uma linguagem adequada, um novo conhecimento que envolvesse uma forma acessível de comunicação, passando a tomar conhecimento da educação popular e destes saberes que às vezes eram próximos, mas não eram valorizados e considerados por eles próprios. Visando a construção de uma ciência comprometida com a justiça social.
- d) sentiram que as ações vivenciadas geraram questionamentos acerca de diversos conteúdos das disciplinas acadêmicas com seus professores, problematizando a organização curricular. A realidade vivida e conhecida desses povos/comunidades oportunizou reflexões dialéticas e novos sentires, possibilitando uma educação intercultural e visões “outras” de viver na sociedade;
- e) engajaram nas ações políticas, visando a facilitação para acessar os serviços públicos-jurídicos, com respeito ao ritmo específico das comunidades. Ou seja, ficaram atentos aos tempos das comunidades, em um equilíbrio de ação-reflexão, compreendendo que as

atividades se organizam em espiral, em níveis distintos e simultâneos (conhecimento nas bases sociais, sistematização, reflexão e novas ações);

f) aprenderam a diversidade cultural existente e a necessidade de reconhecer os diversos saberes e uma ciência modesta e descolonizada. A partir das interações entre estudantes, e, dos estudantes e comunidades, compreenderam a necessidade de se criar pontes entre o saber formal e a sabedoria e cultura popular, por meio de uma escuta sensível.

Vinte e cinco estudantes participaram das atividades das Festas Feira das Sementes do Paraná, por meio das Atividades de Creditação de Extensão (ACE), os quais estavam matriculados na Disciplina de Gestão e Inovação Social do curso de Gestão Pública da UFPR. Nas atividades de interação entre universidade e comunidade por meio da pesquisa participante, tiveram os seguintes aprendizados e sentires:

- a) descobriram a diversidade cultural de nosso estado, por serem estudantes do urbano, se surpreenderam com a riqueza do território que viviam ao visitarem as comunidades indígenas para dialogarem sobre a organização das Festas Feiras;
- b) perceberam a afetividade nas pessoas envolvidas nas atividades e sentiram-se sensibilizados por existir tantas ações de reciprocidade no meio rural. Na construção dos portfólios, os estudantes destacaram que as experiências trouxeram muitas reflexões distintas das aulas teóricas;
- c) começaram a pesquisar sobre a segurança alimentar e soberania no campo, assim como a problemática do agrotóxico em nosso país depois que das vivências, sentiram a necessidade de pensar a vida para além do mundo do trabalho;
- d) ressaltam que para a formação em gestão pública, as atividades com contextos e vivência territorial, assim como as pesquisas participativas, promoveram a ampliação da compreensão sobre a importância da gestão social para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável;
- e) enfatizaram que a interdisciplinaridade e a interculturalidade vivenciadas, foram essenciais para pensar em outras abordagens para a vida, como o bem viver, comuns e direitos da mãe Terra. Abordagens que dificilmente conseguiriam compreender se não fosse por meio da inter-relação dos saberes;
- f) sentiram uma melhora na comunicação e no trabalho em equipe, manifestando mais empatia e novas ideias compartilhadas. Como estudantes do noturno a participação em

atividades de extensão, proporcionou uma troca de conhecimento valiosa entre a universidade e a comunidade.

Os três professores que atuaram no Liiis nas atividades de organizações e participação nas Festas Feiras das Sementes 2023/2024, e na articulação das atividades das comunidades indígenas, quilombolas e agricultoras familiares na universidade, manifestaram os seguintes aprendizados e reflexões:

- a) perceberam que todo povo originário ou comunidade tradicional tem uma relação intrínseca com a Terra, se a terra adoece, eles também adoecem. Essas vivências a partir dos saberes-fazeres destas comunidades, ampliou a visão e a compreensão acerca da construção de um conhecimento mais plural na universidade, reconhecendo que a questão da Terra permanece como um problema brasileiro, pois sem território não há cultura;
- b) descobriram inovações sociais dos sujeitos territoriais, tanto indígenas como agricultores familiares, os quais meios para garantir o seu modo de viver e seus saberes. Esses saberes-fazeres dos territórios, vieram para a sala de aula, e se não existisse essa dialogicidade com a realidade local, esse conhecimento dificilmente seria acessado. Destas atividades desenvolvidas, surgiram demandas, denúncias e o desenvolvimento de relações horizontais com os sujeitos dos territórios;
- c) construíram laços e vínculos por meio de uma sociabilidade solidária, que foram desenvolvidas na busca da criação coletiva de um espaço Étnico na universidade, como um projeto comum. Junto ao Liiis, os atores territoriais iniciaram uma série de reuniões para que a universidade possa ser um espaço de diversidade cultural, com uma educação antirracista e intercultural. Estes laços geraram como aprendizados a compreensão que o racismo se combate celebrando a diversidade;
- d) aprenderam a fazer juntos, a partir da atuação direta com os sujeitos territoriais em diversos espaços como: Audiência Pública, Ministério Público, Defensoria Pública, Assembleia Legislativa do Paraná, e nos meios de comunicação, a fim de denunciar a violação dos direitos humanos, e as ameaças que os povos originários e comunidades quilombolas estavam sofrendo. Esta atuação militante mostrou que a educação ao ser contextualizada na realidade de grupos tão diversos, manifesta violação de direitos muito parecidas nos diversos territórios. Enfim, um aprendizado que manifestou a necessidade de uma pedagogia comprometida com a vida e a justiça social;

- e) reconheceram que os saberes dos sujeitos territoriais são fundamentais na construção de artigos científicos e participação em congressos. A partir da compreensão da IAP como metodologia integradora do conhecimento e da ação, foram realizados artigos em coautoria com os sujeitos territoriais das comunidades, a fim de socializar, polinizar e a politizar esses saberes. A escrita em conjunto, trouxe aprendizados importantes sobre uma nova forma de construir a ciência, reconhecendo o pluralismo epistêmico e a humildade acadêmica;
- f) depararam em seu processo de autoformação que durante a IAP ocorreu a necessidade de estudar sociologia histórica, economia política, economia social e solidária, geografia social, gestão social, interseccionalidade e interculturalidade crítica. Esta interdisciplinaridade faz-se necessária ao desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão na universidade, assim como o próprio reconhecimento da multidimensionalidade do ser para a educação sentipensante.

Os quatro parceiros, liderança quilombola, liderança guarani, educadora popular agroecológica e educador ambiental, participantes do Liiis, organizaram as comunidades para as Festas Feiras de Sementes, tinham relação direta com a universidade, apresentaram os seguintes aprendizados e reflexões:

- a) sentiram uma nova forma de olhar e se relacionar com a universidade, no início relataram que sentiram desconfiança se de fato a participação seria genuína e democrática ou, se o Liiis era mais uma extensão e espaço de pesquisa convencional, pautado em sujeito e objeto, pois estas lideranças possuem como lema “nada de nós sem nós”.
- b) perceberam a partir dos encontros e da afetividade, que havia uma escuta legítima e um envolvimento permanente, a relação sujeito-sujeito gerou uma troca de conhecimento, uma amizade com respeito aos saberes e fazeres existentes, em uma relação dialógica entre os conhecimentos acadêmicos e os saberes locais;
- c) Compreenderam que na relação de confiança há construção de aprendizados que enriquecem a vida comunitária e que possibilitaram uma coprodução de conhecimentos durante as ações extensionistas solidárias.
- d) observaram que nas atividades de diálogos no contexto da realidade local, gerou uma relação de reciprocidade entre a universidade e os diversos sujeitos territoriais, pois como sujeitos sentipensantes, sentiram que as práticas e ações do Liiis possuem um compromisso de transformação social;

e) refletiram acerca do tempo da universidade e da comunidade na construção de conhecimento coletivo por meio da inter-relação de saberes em uma perspectiva de espiral. As atividades se iniciaram a partir das Festas Feiras de Sementes, destas surgiu a Escuta dos Povos, deste os processos reivindicatórios juntos aos órgãos públicos, destas atividades surgiram o Projeto da Feira Étnica dos povos na UFPR e assim uma série de outras atividades. Um processo cílico, recursivo, participativo e intercultural.

Dos aprendizados oriundos das distintas dimensões dos sujeitos nas atividades do Liiis, destaca-se a interculturalidade, a democracia cognitiva e ação política. Durante todo o processo, desenvolveram-se ações com as comunidades, de forma dialógica e participativa na organização das Festas Feiras das Sementes crioulas, até a vivência intercultural dos estudantes com as comunidades, e das comunidades na universidade. Estas atividades desenvolvidas por meio da dialogicidade entre comunidade e universidade, fortalece a política social do conhecimento, em especial, o desenvolvimento territorial e a educação intercultural.

As ações do Liiis proporcionaram novos elementos para a universidade, gerando à atenção aos currículos, à pedagogia do diálogo e à participação política. Dentro deste contexto, o Liiis, relaciona-se e participa da escuta dos povos e da ação política para fazer o Estado funcionar, por exemplo acionando o Ministério Público, a Assembleia Legislativa do Paraná e outras instituições. Desta forma, abre-se novos caminhos de valorização de todos os saberes, independentemente dos lugares de sua elaboração e enunciação, ao considerarmos e reconhecermos estes saberes, a prática da democracia cognitiva na universidade tornar-se-á um caminho possível. Os aprendizados dos professores foram identificados com a abordagem de Candau (2009, 2020) sobre a interculturalidade e a importância das práxis criadoras. Nos processos das atividades de extensão ocorreram nos participantes uma vinculação entre o sentir-pensar-agir, apresentando uma unicidade na prática pedagógica.

Considerações acerca da Investigação Ação Participativa como metodologia vivencial e integradora do conhecimento

A IAP, como metodologia vivencial e integradora, apresenta-se como uma proposta transformadora no ambiente universitário na relação sujeito-sujeito, ao

promover a politização dos territórios e polinização dos conhecimentos, que se complementam. Esse processo é baseado em uma aprendizagem mútua criando uma pedagogia universitária voltada para a vida. Ao adotar essa metodologia, a universidade rompe com a separação tradicional entre teoria e prática, promovendo uma educação sentipensante territorializada, que integra mente, corpo e ambiente, e abre espaço para a práxis e desenvolvimento territorial.

Estas atividades inspiradas na abordagem de Orlando Fals Borda e Paulo Freire, como a IAP se alinha com uma educação emancipadora e democrática, permitindo a descolonização do pensamento. Ao integrar saberes acadêmicos e populares, a IAP fortalece o diálogo intercultural e contribui para a descolonização do conhecimento acadêmico, especialmente quando aplicada ao contexto de comunidades tradicionais e povos originários. Este processo promoveu uma reflexão crítica sobre as práticas e estruturas coloniais, possibilitando a construção coletiva de saberes que envolvem não só a academia, mas também as comunidades.

Os principais aprendizados dessa experiência envolvem os diversos atores participantes: os estudantes extensionistas ampliaram sua visão sobre as realidades das comunidades; os estudantes de creditação de extensão perceberam a complexidade do processo de desconstrução colonial e abertura para os conhecimento do territórios; os professores aprenderam novas formas de pesquisa e construção de conhecimento indissociável do ensino e extensão e publicação colaborativa; e as lideranças das comunidades sentiram-se mais valorizadas e envolvidas com o processo acadêmico, fortalecimento dos seus saberes e do território. A IAP, portanto, não é um novo paradigma, mas uma metodologia que integra saberes e práticas, contribuindo para uma ciência comprometida com a justiça social e a transformação coletiva. Desde a integração dos saberes pelo diálogo que geram conhecimentos coletivos, até o momento de sistematização e socialização destes.

Embora a IAP apresente desafios no contexto acadêmico, como a diferença de ritmos e espaços de atuação, ela se revela viável e relevante. Sua aplicação no ambiente universitário possibilita uma compreensão mais profunda da relação entre colonização, descolonização e humanização, ao promover uma interculturalidade crítica. O diálogo de saberes entre universidade e comunidade nos convida a refletir sobre a necessidade de

descolonizar a universidade, tornando-a mais aberta, dialógica e comprometida com a democracia cognitiva e uma reconstrução da ciência, onde saber pensar significa saber agir coletivamente.

Referências

CANDAU, V. M. (org). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

CANDAU, V. M. Didática novamente em questão: fazer-saberes pedagógico em diálogos, insurgências e políticas. In: CANDAU, V. M.; CRUZ, G. B.; FERNANDES, C. (org.). **Didática e fazer-saberes pedagógicos**: diálogos, insurgências e políticas. Petrópolis, RJ: Vozes: 2020, p. 33-47.

COLMENARES E., A. M. Investigación-acción participativa: una metodología integradora del conocimiento y la acción. **Voces y Silencios-Revista Latinoamericana de Educación**, v. 3, n. 1, p. 102-115, 2012. DOI: <https://doi.org/10.18175/vys3.1.2012.07>

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (org). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 42 -62.

FALS BORDA, O.; BRANDÃO, C. R. **Investigación Participativa**. Montevideo: Ed. de la Banda Oriental, 1987.

FALS BORDA, O. Cómo investigar la realidad para transformarla (1979). In: **Una sociología sentipensante para América Latina**: Antología Orlando Fals Borda. Bogotá/Buenos Aires: Siglo del Hombre Editores; CLACSO, 2009, p. 253-301.

FERREIRA, M. R.; SILVA, F.; ZANATTA, R. A. F. Da dialogicidade entre universidade e comunidade: um estudo de caso da extensão universitária a partir do exercício da democracia dialógica na pesquisa-ação. **Caderno gestão social**. v.3, n.1, p.53- 68, jan./jun. 2012.

FERREIRA, M. R. A construção do conhecimento em Ciências Ambientais: contribuições da abordagem decolonial. In: SGUAREZI, S. B. (ed.) **Ambiente e Sociedade no Brasil Central**: Diálogo Interdisciplinar Regional. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Cáceres: editora UNEMAT, 2019, p. 14-27.

FERREIRA, M. R.; BLASZCYK, A. A sustentação da abordagem decolonial na extensão universitária brasileira por meio das diretrizes legais do Estado. In: COSTA, R. S.; FREITAS, R. R. (org.) **Ambiente e Sociedade no Brasil**: desafios da zona Costeira e da educação ambiental. Palhoça: Ed. Unisul, 2020, p. 15-33. DOI: <https://doi.org/10.19177/978-65-88775-09-7.15-33>

FERREIRA, M. R.; SILVERIO, D. G. Reformar o pensamento: a transição paradigmática na universidade e a necessidade da política social do conhecimento para o ecodesenvolvimento *In: SILVA, C. D. D.; SANTOS, D. B. (org.). Discussões efetivas sobre a sustentabilidade*. Ponta Grossa - PR: Atena Editora, 2021. p. 146-160. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.21921033110>

FERREIRA, M. R; PAGLIARO, H. Brechas decoloniais e interculturalidade: por uma universidade “outra”. **Revista de Geografias**. Dossiê: II Colóquio Geografias fora do eixo e decolonialidade; v. 40 n. 4 (Especial), 2023, p-31-55. DOI: <https://doi.org/10.51359/2238-6211.2023.260665>

FERREIRA, M. R.; FLEIG, D. G. Social innovation and “other” knowledges: what does the construction of formal knowledge have to do with it? **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 19, n. 56, 2024, p. 49–71. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCT195675450>

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GOMEZ, P. B. Sentipensar. *In: KOTHARI, A. et al. (org.). Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento*. São Paulo: Elefante, 2021, p. 510-514.

MONCAYO, V. M. (org.). Presentación. Fals Borda: hombre hicotea y sentipensante. *In: Una sociología sentipensante para América Latina: Antología Orlando Fals Borda*. Bogotá/Buenos Aires: Siglo del Hombre Editores; CLACSO, 2009.

MORIN, A. Saber, ciência e ação. *In: MORIN, A; GADOAU, G; POTVIN; G. Saber, ciência, ação*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 17-33.

MOTA NETO, J. C. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.

RUFINO, L. **Vence-demanda: educação e descolonização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SOUZA-LIMA, J. E. **Conhecimento ambiental e pluralismo epistemológico: um olhar desde as margens**. Curitiba: Ed. UFPR, 2021.

WALSH, C. Interculturalidade Crítica Pedagogia Decolonial: surgir, re-existir e re-viver. *In: CANDAU, V. M. (org). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

Recebido em 15/08/2025.

Aceito para publicação em 07/10/2025.